

LINO DE ALBERGARIA

Ilustrações: Filipe Rocha



NA SERRA DAS LIANAS



Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

Lista de personagens

Gumercingo – motorista do ônibus escolar
Dona Dolores – diretora da escola
Lucas Lauro – aluno e irmão de Jadico
Jáider Ulisses (Jadico) – aluno e irmão de Lucas Lauro
Sônia Regina (Naná) – aluna
Carlos Bruno (Cacau) – aluno
Charles – aluno
Eustáquio (Taquinho) – aluno
Gisele (Gigi) – aluna e irmã de Zazá
Zara (Zazá) – aluna e irmã de Gigi
Íris – aluna
Nicolau (Niquinho) – aluno
Paulo Sérgio (Pimba) – aluno e irmão gêmeo de Úrsula
Úrsula – aluna e irmã gêmea de Pimba
Nina Diane (Nini) – aluna
Fifino – buldogue
Seu João (João Curututu) – dono do hotel
Dona Maria Filomena – contadeira de histórias
Comadre Florzinha – dona do sítio
Engrácia – filha da comadre Florzinha
Violeiro
Mulher do violeiro
Primeiro homem
Segundo homem
Emerenciana – avó de dona Maria Filomena
Donana – mãe de dona Maria Filomena
Sapo-cururu



Gumercindo conferiu o trajeto que iria seguir, depois dobrou com cuidado seu velho mapa e o guardou no porta-luvas do ônibus. Ele se apegava às coisas com que estava bem-acostumado, entre elas o mapa já rasgado e colado com fita adesiva. Afinal, a estrada para a Serra das Lianas não tinha mudado nos últimos anos.

Enquanto esperava a chegada dos passageiros, pensou nas ideias nada comuns de dona Dolores, a diretora da escola. Ela tinha um gosto muito original para escolher as excursões de seus alunos. Na anterior, o destino fora uma pousada com fama de mal-assombrada – a Casa da Neblina –, numa cidade antiga com um parque ecológico. Muitas coisas esquisitas se passaram lá. Era melhor que ele estivesse preparado para o que pudesse acontecer. Por isso, testou a lanterna que também levava no porta-luvas.

Desta vez, iam direto para a natureza, a um lugar bem alto, onde o ar era muito puro. Felizmente, não iriam acampar, como



alguns turistas que se aventuravam no local gostavam de fazer. Dormiriam sob um teto normal no único hotel da região, um casarão de madeira mantido por um velho solitário. O nome era Pio da Coruja. Desde criança, Gumercindo ouvia histórias sobre corujas, sempre ligadas a um aviso de perigo ou de má sorte. Estava se benzendo por causa dessa lembrança, quando ouviu gritos e batidas na porta do ônibus.

– Abra logo, seu Gumercindo!

Assustado, reconheceu aqueles dois capetinhas irmãos – uma característica de vários alunos daquele colégio. Havia, na realidade, três pares de irmãos, mas capetinhas mesmo só aqueles dois. Assim que a porta foi aberta, Lucas Lauro e Jáider Ulisses, chamado de Jadico pela turma, invadiram o ônibus e logo se separaram: cada um correu para uma janela. Os dois haviam ganhado uma boa distância do resto da turma, que demorou certo tempo para subir no veículo.

– Bom dia, seu Gumercindo!

O motorista ouviu a frase dez vezes; porém, tão logo o cumprimentavam, os meninos e as meninas recém-chegados se espalhavam depressa, em busca de um bom lugar. Uma menininha mais tímida surgiu por último. Vinha de mãos dadas com a diretora. Olhou rapidamente para o motorista e murmurou um cumprimento apressado, quase inaudível. Gumercindo supôs que era uma novata. Não se lembrava de alguém tão quietinho, com aquele jeito envergonhado.

Dona Dolores fez com que ela se sentasse ao lado de Naná, para não ficar sozinha, e começou a chamada, com treze vozes respondendo “presente”. Da outra vez havia só doze.

Gumercindo, incomodado com o 13, considerado número de azar, tentava se lembrar dos apelidos, que quase todos tinham, e identificar, quando era o caso, quem era irmão de quem. Carlos Bruno era o Cacau. Charles, pelo visto, era Charles mesmo. Eustáquio era o Taquinho. Gisele era o nome de Gigi, a irmã de Zara, ou Zazá. Íris também era só Íris. Nicolau era o Niquinho. Paulo Sérgio, ou Pimba, era gêmeo de Úrsula.

E a famosa Naná tinha o nome de Sônia Regina. Famosa para o motorista porque, durante o outro passeio, ela havia sumido e Gumercindo teve de procurá-la no cemitério; lá, ele desmaiou ao ser tocado de repente pela mão fria de Íris, que era sonâmbula. Enfim, até os mais calmos costumavam dar trabalho, mesmo em uma turma tão pequena.

A menininha do lado de Naná, ele ficou sabendo, se chamava Nina Diane. Ainda não devia ter dado tempo para que ela recebesse algum apelido.

– Pronto? – ele perguntou à diretora.

– Vamos lá! – respondeu a entusiasmada Dolores.

Gumercindo respirou fundo, reconfortado por já ter se benzido, e deu a partida. Rumo à Serra das Lianas!



* * *

A turma, comandada pela diretora, cantava, para se distrair, as velhas canções folclóricas que havia aprendido na escola. No entanto, o repertório não era dos maiores. Tinham acabado de cantar outra vez o “Sapo-cururu”:

– “Sapo-cururu
da beira do rio.
Quando o sapo canta, ô maninha,
cururu tem frio.”¹

Jadico protestou:

– Será que ninguém conhece outra?

Dona Dolores falou que se alguém soubesse uma cantiga diferente, era só cantar. Então uma vizinha muito afinada se manifestou. Era Nina Diane, que, vinda de outro colégio, tinha aprendido músicas diferentes.

– “Dorme, neném,
que o bicho vem pegar.
Papai foi pra roça,
mamãe já vem já.
João Curututu
de trás do murundu
vem pegar neném
que está com calundu.”²

– João Curututu? Esse aí é... sinistro! – comentou Cacau.

– Nossa, até me deu um arrepio... – falou Úrsula.

Gumercindo não disse nada, mas também sentiu um arrepio. E, apesar da idade, jamais tinha ouvido falar desse Curututu, ladrão de criancinha. No entanto, ele nunca poderia imaginar o que viria em seguida. Quando os colegas pediram outra canção, Nina Diane não se fez de rogada. Todos aprenderam imediatamente:

– “Motorista, motorista,
Olha o poste! Olha o poste!
Não é de borracha!
Não é de borracha!
Não é não... não é não!”³